

monetária encarregavam-se de levar as pessoas para o navio. Como eram levados a coberto da noite, e içados por uma cesta ou giga, os clandestinos eram conhecidos como os "gigos". Na imprensa da época era comum ver-se referências a eles. Alguns eram presos, alguns conseguiam escapar.

A partir de determinada altura descobri-se, mesmo, uma certa subtileza nesta emigração clandestina. Alguém emigrava legalmente para os EUA, depois de lá chegar mandava para trás o passaporte e este era utilizado por outros.

Estas e outras circunstâncias fizeram com que a emigração para os EUA fosse muito badalada na imprensa da época. Foram escritos muitos editoriais a clamar contra esta grande saída de braços.

Uma saída motivada pelo sonho de uma vida melhor, que a Madeira da altura não permitia. Mesmo assim, o bilhete de saída não era a solução para todos os problemas. Uma vez chegados ao destino era ainda preciso ganhar novas batalhas. No caso específico de New Bedford, os emigrantes enfrentaram muitas dificuldades. Uma delas foi a língua. Outra foram as saudades da Madeira. Numa altura em que não havia telefone ou Internet, os que emigravam eram motivo de luto para quem ficava. Era o



"one ticket way", ou seja, uma ida sem regresso.

Mas, outros houve que o destino obrigou a regressar, nomeadamente por motivos de saúde. Porque eram quase todos agricultores, alguns emigrantes ao entrarem em contacto com aquele trabalho repetitivo e em série das fábricas enlouqueciam. Quando isso acontecia

Muitos Madeirenses foram figuras de destaque na diáspora americana.

eram repatriados para a Madeira. Duarte Mendonça refere que é curioso ver que em 1920 quase metade dos alienados mentais que estavam no manicómio Câmara Pereira eram repatriados dos EUA. Em relação à adaptação à vida americana, o nosso interlocutor destaca que uma das primeiras medidas era a mudança do primeiro nome. Se era Francisco passava a ser "Frank", se era Manuel ficava "Many". Quando estavam nas fábricas usavam o nome americano, quando estavam entre madeirenses usavam as alcunhas pelas quais eram conhecidos na Madeira, e aparecem assim referências ao "mata-porcos", ao "esfola-carneiros" e afins. Alguns começaram também a naturalizar-se e a adquirir a cidadania americana. Não como uma forma de renegar as raízes, mas como forma de ombrearem com os próprios americanos em igualdade e direitos.

Os que conseguiram a plena integração, não só revelaram uma comunidade com queda para o negócio, como também alcançaram sucesso em outras áreas. A presença cultural madeirense em New Bedford é disso exemplo, com o surgimento de várias associações de socorros mútuos e clubes.

Entre estes destaca-se o Club Sport Madeirense formado em 1917, com o

